

CORPO QUE DANÇA: a dor e a delícia de ser o que é!

Jeanne Chaves de Abreu¹

Resumo

O conhecimento científico está marcado pela monocultura na história da modernidade. Este conhecimento deslegitima qualquer forma de saber e conhecimento que não sejam oriundos dos parâmetros da cientificidade. A inquietude frente ao desperdício histórico e material dos saberes não hegemônicos pela ciência moderna culmina na reflexão ilusória acerca da reinvenção dos saberes. Na dança a busca pela especialização esbarra num conhecimento dicotomizado, onde culturalmente valorizamos as técnicas ditas acadêmicas como o balé clássico, deixando na marginalidade as linguagens do jazz, danças de salão, danças urbanas, entre outras. Alguns estudiosos podem discordar de tal assertiva, porém ao enveredarmos no campo através da pesquisa, ficou claro que as pessoas que não praticam a técnica do balé clássico se sentem a margem, acreditando que, o que praticam não é Arte, só recreação ou entretenimento. Entendemos que o estudo do corpo que dança está diretamente ligado com a cientificidade, porém, na história da humanidade e na cultura das sociedades ocidentais é recorrente tratarem a dança como entretenimento, diversão e lazer e o corpo que dança como marginal, sensual e erótico. Nosso objetivo nesse estudo foi pontuar os sentidos simbólicos da dor e o prazer na performatividade da arte do movimento, tendo como fio condutor a pesquisa fenomenológica, de cunho qualitativo e de campo. Investigações sobre o corpo que dança é essencial para o entendimento dessa arte de forma que a mesma seja promotora de pesquisa e cientificidade como qualquer outro ramo do conhecimento humano.

Palavras chave: dança, dor, prazer, corpo.

Introdução

Ao apontar que não há espaço para os saberes não científicos dentro de uma sociedade que pensa e age com cientificidade, podemos entender que qualquer pessoa que conhece de perto uma área de pesquisa científica, seja em qualquer uma das ciências, entende que o conhecimento científico avança por tentativas e erros, e que pessoas e civilizações sobreviveram e ainda sobrevivem à custa de conhecimentos práticos e tradições acumuladas ao longo do tempo, sem uma base "científica" constituída de forma explícita.

Dessa forma, a hegemonia das ciências se estabeleceu como o único conhecimento válido, deixando de lado os problemas sociais, os saberes tradicionais, e os saberes relacionados às Artes que ficaram fora da esfera da cientificidade. Por esse motivo, o senso comum aponta que a dança é entretenimento e diversão, e o corpo que dança é considerado uma questão de menor importância. Todavia, a literatura relacionada a dança, seus papéis sociais, as técnicas e historicidade vem aos poucos ganhando terreno no campo do estudo científico

¹ Doutora do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, Professora e Coordenadora do Curso de Dança da Universidade do Estado do Amazonas, Diretora e coreógrafa da Pajê Cia de Dança. Pesquisadora de gênero, sexualidade, dança e cultura popular.

Nesta pesquisa, propomos uma reflexão sobre as sensações que a dança provoca nos seus praticantes, que vão desde o prazer extremo, quando acontece o sucesso de uma apresentação e a glória de ter o reconhecimento do público, além da satisfação de ter agradado aos mestres e coreógrafos, até as dores extremas do preconceito e do físico massacrado por movimentos praticados até a exaustão. Nosso interesse pelo tema surgiu a partir do contato direto com os sujeitos da pesquisa e perceber o quanto o artista sofre ao defender a sua arte, e que é necessário que isso seja do conhecimento de uma sociedade que insiste em acreditar que a dança ou qualquer outra arte foi criada apenas para entreter e divertir, sem levar em conta as sensações emocionais e físicas que movem o corpo do intérprete.

Reflexões Teóricas

Originalmente europeia, o balé clássico é uma dança idealizada para príncipes brancos, loiros e de olhos claros, homens nesse perfil são os escolhidos para encenar os principais papeis, é uma dança revestida de preconceitos que histórica e culturalmente ainda estão agregados a sua prática. Em nenhum momento histórico, conseguimos visualizar ou ter conhecimento de um bailarino negro que tenha feito os papeis principais em um balé de repertório².

O preconceito de gênero no balé clássico é muito forte, quando um homem relata que está praticando dança, sempre ocorre uma brincadeira com cunho pejorativo, “virou bichinha é?”, “vou te dar de presente uma sapatilha rosa”, entre outras. Alguns homens que foram criados em um lar patriarcalista e sexista, não praticam nenhum tipo de dança porque dança é coisa de mulher. Laraia (2007, p. 68) pontua que, “em algumas tribos norte-americanas o homossexual era tido como um ser dotado de propriedades mágicas, capaz de servir de mediador entre o mundo social e o sobrenatural e, portanto, respeitado”. Encontramos ao longo da história heterossexuais e homossexuais que dançaram e dançam e não é por isso que deixaram de ser pessoas dignas, com moral ilibada e educação primorosa. O corpo que dança

² Os balés de repertório contam uma história usando a dança, a música e a mímica. Foram montados e encenados durante o século XIX, e até hoje são remontados com as mesmas músicas e suas coreografias de origem, baseados no estilo da escola que vai apresentá-lo. Seguem tradicionalmente sua criação. No palco se apresentam os grandes bailarinos, o corpo de baile: normalmente as sequências de passos não podem ser mudadas. São obras montadas antes do século XX que são patrimônio da Humanidade.

sofre dores físicas, dores emocionais, dores psicológicas, ao mesmo tempo que desfrutam o prazer de se manifestar através do gestual artístico.

A dor é uma experiência sensorial e emocional desagradável, associada a dano presente ou potencial. Nesse contexto, a dor é uma experiência única e individual. No nosso estudo identificamos que a maioria dos indivíduos abordados conseguiu identificar e diferenciar a dor física da dor psíquica ou emocional. Churchland (2004, p. 19) assinala que,

Aprender o significado do termo “dor” significa aprender que a dor é um estado frequentemente causado por danos físicos, um estado que, por sua vez, causa outros estados interiores, tais como uma leve aflição ou um puro pânico, um estado que causa típicos característicos de comportamento, tais como gemer, encolher-se e repousar.

A dor é um incomodo tão significativo que o que o outro sente acaba refletindo no corpo do outro que o observa. Merleau-Ponty (2007, p. 20) considera que, “uns e outros, próximos ou afastados, estão, em todo caso, justapostos no mundo, e a percepção, que talvez não esteja ‘em minha cabeça’, não está em parte alguma a não ser em meu corpo como coisa do mundo”. Entendemos que todos independente de raça, cultura, gênero ou credo sentem a dor. Suportar a dor em silencio pelo gênero masculino pode ser sinal de virilidade em certas culturas, e, na mesma cultura pode ser valorizada no gênero feminino a expressão explicita do sofrimento.

As sensações prazerosas, são mais difíceis de serem verbalizadas do que as sensações de dor. “A busca pelo prazer é questão humana e muitas vezes inconsciente, pois, está no inconsciente de cada um a busca da felicidade”. (ABREU, 2015, p.73). A dor é mais fácil de verbalizar do que um momento de alegria ou prazer. Todo esse processo de representar um papel frente a sociedade, seja ele de fingir (prazer ou dor), demanda muito sofrimento.

Metodologia

Este estudo é ancorado na perspectiva da fenomenologia. Adotamos os procedimentos da pesquisa participante, ou seja, na qual pesquisadores e entrevistados, representativos da situação ou do problema, estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. No processo do trabalho de campo utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada com o uso autorizado do gravador, o que possibilitou a obtenção de dados subjetivos relacionados com a opinião, os valores e as atitudes dos sujeitos.

Resultados obtidos

As histórias de vida, cultura, registros e traços de vivências no mundo estão escritos no corpo. Jade (31 anos) revela em nossa pesquisa que, “queria ser mais magra, todas as vezes que me apresento como bailarina às pessoas duvidam, porque acham que bailarinas devem que ser altas, bem magrinhas e branquinhas, eu sou parda, baixinha e bunduda”. (entrevista/2019). Percebe-se a frustração de Jade ao entender que seu corpo não está em acordo com o que foi historicamente e culturalmente imposto como o ideal para a prática do balé clássico, provocou no seu corpo intensas dores.

No momento dessa roda de conversa, Diamante (23 anos) completou: - “e eu então que peso mais de cem quilos, só aqui nessa Cia. é que me sinto à vontade, danço desde os 08 anos participei de vários grupos na cidade e sempre fui vítima de preconceito por causa do meu corpo, não tive espaço em nenhum grupo que tem como base o balé clássico. Só não desisti porque amo dançar! e dançar é meu maior prazer”. (entrevista/2019).

Um motivo de dor para os bailarinos são os preconceitos, em entrevista para emprego em uma escola particular e cristã, Rubi (28 anos) relata que: “Ouvi o diretor comentar com a pedagoga que jamais aceitaria um viadinho dando aula na minha escola, sabe-se lá quantos alunos ele vai desencaminhar? o que os pais vão pensar? Daqui a pouco toda a molecada vira gay”. Nem esperei a resposta, saí arrasado, pois é assim que somos tratados. Sou professor de dança formado e vou lutar por minha arte sempre!

No imaginário masculino, toda mulher que dança está disposta aos prazeres sexuais. Em décadas passadas, os homens visitavam as casas de dança e mantinham as dançarinas financeiramente. Muitas aceitavam essa condição por necessidade, mas, assim como as esposas elas passavam por todo o tipo de humilhações e agressões. Em relato Pérola (35 anos) colabora ao afirmar que, ao completar meu sexto ano no balé clássico, sofrer com a bulimia e anorexia, passar por audições em que era convidada a fazer programas para conseguir adentrar em algumas companhias nacionais e sofrendo muito com a minha incapacidade de atingir meus objetivos, desisti, e até hoje sofro essa frustração.

Considerações finais

Entendermos o corpo que dança é entrarmos num consenso que todos podem e devem dançar, mas, qual dança? Existe uma dança específica para cada um? Dança para negro, dança para branco, dança para homossexual? Porque dividimos a dança em nichos? Acredito que essa divisão é feita por cada um de nós, nós mesmos nos excluimos de um determinado grupo,

ou fato, ou ação por não acreditarmos nas nossas possibilidades, antes mesmo de tentarmos, já desistimos.

Ao comentarmos sobre o que está culturalmente instalado, devemos nos reportar as nossas raízes históricas. Nascemos no Norte do Brasil e temos raízes indígenas, sabemos que o corpo indígena é “*mignon*” e muitas vezes atarracado, pernas mais grossas e torneadas e glúteos proeminentes, o que está totalmente na contramão do bailarino(a) clássico(a). É lícito apontarmos que não temos corpos adequados para o balé clássico? Se corpos são importantes para designar a prática desta ou daquela dança, como entendermos o sucesso que foi a sua época Vaslav Nijinsk com pernas curtas e tronco alongado, esse corpo em nossa época seria configurado como um corpo impróprio para a prática da dança?

Pesquisadores, técnicos e professores do balé clássico indicam que corpos clássicos devem ser longilíneos, magros e quase diáfanos, e acreditamos que esses corpos são mais facilmente encontrados no Sul do país por terem justamente a herança genética europeia. Dessa forma haveria uma impossibilidade de criar um corpo de dança clássica no Norte do país ou mais especificamente no Amazonas levando em consideração nossa etnicidade, se pensarmos dessa forma estamos criando um preconceito ainda maior, onde remaríamos contra o que pensamos e entendemos que um corpo que dança deve ser um corpo conectivo. Acreditamos que corpos podem ser educados, disciplinados, organizados, possibilitados e adaptados a todas as situações sejam elas de qualquer natureza.

REFERENCIAS

ABREU, Jeanne Chaves. **Dor e prazer no entrelaçamento dos corpos**. Ed.All Print, São Paulo, 2015.

CHURCHULAND, Paul M. **Matéria e Consciência: uma introdução contemporânea a filosofia da mente**. Trad. Maria Clara Cescato. Ed. UNESP, São Paulo, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Trad. José Arthur Gianotti e Armando Mora D'Oliveira. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Gramática do tempo-para uma nova cultura política**. Editora Cortez. 2006.